



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE BIODIVERSIDADE E FLORESTAS
BACHARELADO EM CIÊNCIAS AGRÁRIAS**

GEIZA FRANCISCA DAMASCENO SILVA

**TRANSIÇÃO AGROECOLÓGICA DAS UNIDADES DE
PRODUÇÃO ORGÂNICA VINCULADAS A
ORGANIZAÇÃO DE CONTROLE SOCIAL SANTA CRUZ,
SANTARÉM-PA.**

**SANTARÉM
2019**

GEIZA FRANCISCA DAMASCENO SILVA

**TRANSIÇÃO AGROECOLÓGICA DAS UNIDADES DE
PRODUÇÃO ORGÂNICA VINCULADAS A
ORGANIZAÇÃO DE CONTROLE SOCIAL SANTA CRUZ,
SANTARÉM-PA.**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Graduação
Bacharelado Interdisciplinar em Ciências
Agrárias, da Universidade Federal do Oeste
do Pará, Instituto de Biodiversidade e
Florestas, para obtenção do título de
Bacharela em Ciências Agrárias.
Orientadora: Dr^a Danielle Wagner Silva

**SANTARÉM
2019**

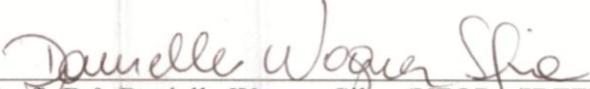


UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE BIODIVERSIDADE E FLORESTAS
BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS AGRÁRIAS

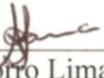
ATA DE DEFESA PÚBLICA DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Aos treze dias do mês de dezembro de dois mil e dezenove, às 18:00 horas, horário de Brasília, em sessão pública realizada no Laboratório do Morfofisiologia Animal, Unidade Tapajós, do Campus de Santarém da UFOPA, na presença da Banca Examinadora presidida pela Prof^a. Dr^a. Danielle Wagner Silva, e composta pelos examinadores: Profa. Dra. Alanna do Socorro Lima da Silva e Eng. Ambiental Adenauer Matos Beling, a discente Geiza Francisca Damasceno Silva apresentou o Trabalho de Conclusão de Curso intitulado: “TRANSIÇÃO AGROECOLÓGICA DAS UNIDADES DE PRODUÇÃO ORGÂNICA VINCULADAS A ORGANIZAÇÃO DE CONTROLE SOCIAL SANTA CRUZ, SANTARÉM-PA.” como requisito curricular indispensável para a integralização do Curso de Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Agrárias. Após reunião em sessão reservada, a Banca Examinadora deliberou e decidiu pela Aprovação do referido trabalho, com a nota final 8,5, divulgando o resultado formalmente a discente e demais presentes. Eu, na qualidade de Presidente da Banca, lavrei a presente ata que será assinada por mim, pelos demais examinadores e pela discente.

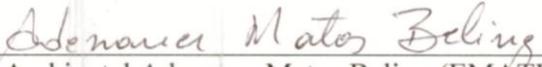
Santarém, 13 de dezembro de 2019.



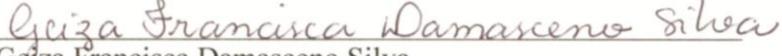
Prof^a. Dr^a. Danielle Wagner Silva (UFOPA/IBEF)
Presidente da Banca



Profa. Dra. Alanna do Socorro Lima da Silva (UFOPA/IBEF)
1^o Examinadora



Eng. Ambiental Adenauer Matos Beling (EMATER-Santarém)
2^a Examinador



Geiza Francisca Damasceno Silva
Discente

Dedico:

Ao meu filho Victor Rafael, por ser luz na minha vida e me dar muito amor em todos os momentos.

Aos povos tradicionais da Amazônia, que lutam incansavelmente por sua permanência na terra.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus que me dá força nessa longa caminhada e me proporcionou chegar até aqui.

À minha família pelo apoio de sempre. À minha mãe, Aldely, que não mede esforço para me apoiar em todos os momentos da vida e à minha irmã, Tânia Maria, por todo incentivo.

Ao meu companheiro Allan Rocha pela parceria de todas as horas, sem o qual a jornada seria mais difícil, e compreensão na minha ausência em especial nos últimos meses.

A minha orientadora Danielle Wagner por ser uma inspiração na minha vida acadêmica e posteriormente profissional. Com certeza me ajudou a ver de outra forma o cenário da agricultura.

A EMATER escritório do Município nas pessoas Ana Claudia e Adenauer, pela ajuda de chegar até os produtores e fornecimento de subsídios que ajudaram na pesquisa.

Aos agricultores orgânicos da comunidade Santa Cruz, que me receberam de forma tão acolhedora em suas casas e colaboraram de forma impar para conclusão deste.

Aos amigos que fiz durante esse percurso que contribuíram de alguma forma para que esse momento acontecesse, seja com grandes parcerias em estudos ou momentos de descontração: Andréa, Natália, Adrielle, Flaviane, Kaliane, Karyna, Cananda, Leandro, Werlesson meu carinhoso muito obrigada!

RESUMO

Por meio deste trabalho, objetivou-se discutir o processo de transição agroecológica vivido por produtores orgânicos vinculados à Organizações de Controle Social Santa Cruz, Santarém-PA, a partir das mudanças nas práticas de cultivos. A discussão é pautada em pesquisa de campo realizada entre os meses de setembro e novembro de 2019, por meio de entrevistas norteadas por questionário aberto nas propriedades orgânicas e na Feira de Orgânicos. Os resultados mostram que as famílias optaram por produzir de forma orgânica por poderem se alimentar de forma mais saudável e ofertar aos consumidores um produto diferenciado. As atividades desenvolvidas nas propriedades sempre foram diversificadas, porém hoje possui a adoção de práticas agroecológicas como compostagem, adubação verde, métodos alternativos para controle de pragas e doenças, sendo as principais mudanças ocorridas nesse cenário após a transição. Os principais desafios enfrentados pelos agricultores durante a transição foram a necessidade de cuidado diário e a expansão do monocultivo, principalmente de soja, que se aproxima cada vez mais da comunidade, aumentando o desafio para quem desejar aderir para o modelo de produção orgânica, e se manter na atividade. Destaca-se o importante papel das OCS como alternativa frente à certificação dos produtos de origem orgânica, além de viabilizar o acesso ao serviço de extensão rural.

Palavras-Chave: Agricultura Familiar; Agroecologia; Amazônia; Compostagem.

ABSTRACT

Through this research, aimed to discuss about the agroecological transition process lived by organic producers linked to Santa Cruz Social Control Organization, Santarém-PA, from changes in planting practices. The discussion is based on field reseach executed between octuber and november 2019, through interviews guided by open questionnairesing the organic farms and at the organic fair. The results show the families chose to produce organically, because they can eat healthier and offer to consumers a different product. The activities developed in the properties have always been diversified, but nowadays, they have been using agroecological praticies like composting, green fertilizartion, new methods to control pests and diseases, being the mainly changes after the transition. The mains challenges fanced by farms during the trasintion were the need of daily care, and the expansion of monoculture, mainly soy, that is gettind closer and closer to the community, increasing the challenge for who wishes adhere to organic producing model, and to stay working. It is important highlight the role of the Social Control organization as an alternative to the certification of products of organic origin and enable access to rural extension service.

Keywords: Familiar Agriculture; Agroecological; Amazon; Composting.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Mapa de localização das Organizações de Controle Social de Santarém e Mojuí dos Campos	15
Figura 2 (A,B,C) - Agricultor utilizando a técnica de enxertia em mudas de abacate (A); Cultivo de Culturas Anuais (B); Área cultivada por meio de Sistema Agroflorestal (C)	23

LISTA DE ABREVIACOES E SIGLAS

APRUSAN	Associação dos Produtores Rurais de Santarém
CTPOrg–BAM	Comissão Temática da Produção Orgânica do Baixo Amazonas
EMATER	Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural
MAPA	Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento
OSC	Organização de Controle Social
SEMPAF	Secretaria Municipal de Produção Familiar

SUMÁRIO

RESUMO	11
PALAVRAS CHAVE	11
ABSTRACT	11
KEYWORDS	12
1 INTRODUÇÃO	12
2 METODOLOGIA	14
3 AGROECOLOGIA PARA PENSAR A TRANSIÇÃO DA AGRICULTURA CONVENCIONAL PARA A AGRICULTURA ORGÂNICA	16
4 O RECONHECIMENTO LEGAL DA TRANSIÇÃO AGROECOLÓGICA EM UNIDADES DE PRODUÇÃO FAMILIAR	18
5 SEMENTES E FRUTOS DA TRANSIÇÃO AGROECOLOGICA NA OCS SANTA CRUZ	19
5.1 O PROCESSO DE CRIAÇÃO DA OCS SANTA CRUZ	19
5.2 PRÁTICAS AGROECOLÓGICAS TRADICIONAIS E NOVAS ALTERNATIVAS NOS SISTEMAS DE PRODUÇÃO FAMILIAR	21
5.3 VANTAGENS E DESAFIOS NO PROCESSO DE TRANSIÇÃO AGROECOLÓGICA	23
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	25
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	26
APÊNDICE 01	29
ANEXO 01	30

Transição agroecológica das unidades de produção orgânica vinculadas a organização de controle social Santa Cruz, Santarém-PA.

Agroecological transition of the of organic production units linked of Santa Cruz Social control organization, Santarém-PA.

RESUMO

Por meio deste trabalho, objetivou-se discutir o processo de transição agroecológica vivido por produtores orgânicos vinculados à Organizações de Controle Social Santa Cruz, Santarém-PA, a partir das mudanças nas práticas de cultivos. A discussão é pautada em pesquisa de campo realizada entre os meses de setembro e novembro de 2019, por meio de entrevistas norteadas por questionário aberto nas propriedades orgânicas e na Feira de Orgânicos. Os resultados mostram que as famílias optaram por produzir de forma orgânica por poderem se alimentar de forma mais saudável e ofertar aos consumidores um produto diferenciado. As atividades desenvolvidas nas propriedades sempre foram diversificadas, porém hoje possui a adoção de práticas agroecológicas como compostagem, adubação verde, métodos alternativos para controle de pragas e doenças, sendo as principais mudanças ocorridas nesse cenário após a transição. Os principais desafios enfrentados pelos agricultores durante a transição foram a necessidade de cuidado diário e a expansão do monocultivo, principalmente de soja, que se aproxima cada vez mais da comunidade, aumentando o desafio para quem deseja aderir para o modelo de produção orgânica, e se manter na atividade. Destaca-se o importante papel das OCS como alternativa frente à certificação dos produtos de origem orgânica, além de viabilizar o acesso ao serviço de extensão rural.

PALAVRAS-CHAVE: Agricultura Familiar; Agroecologia; Amazônia; Compostagem.

ABSTRACT

Through this research, aimed to discuss about the agroecological transition process lived by organic producers linked to Santa Cruz Social Control Organization, Santarém-PA, from changes in planting practices. The discussion is based on field reseach executed between octuber and november 2019, through interviews guided by open questionnairesing the organic farms and at the organic fair. The results show the families chose to produce organically, because they can eat healthier and offer to consumers a different product. The activities developed in the properties have always been diversified, but nowadays, they have been using agroecological praticies like composting, green fertilizartion, new methods to control pests and diseases, being the mainly changes after the transition. The mains challenges fanced by farms during the trasintion were the need of daily care, and the expansion of monoculture, mainly soy, that is gettind closer and closer to the community,

increasing the challenge for who wishes adhere to organic producing model, and to stay working. It is important highlight the role of the Social Control organization as an alternative to the certification of products of organic origin and enable access to rural extension service.

KEYWORDS: Familiar Agriculture; Agroecological; Amazon; Composting.

1 INTRODUÇÃO

A agricultura convencional, ou agricultura moderna, foi expandida pelo mundo principalmente a partir da década 70 com o advento da Revolução Verde. Trata-se de um modelo de agricultura baseada em dois objetivos básicos: a maximização da produtividade agrícola e da rentabilidade econômica em um breve intervalo de tempo (SIQUEIRA et al., 2010). Esses objetivos foram alcançados por meio de métodos como a manipulação genética de sementes; uso intensivo do solo com utilização de produtos químicos; uso de motomecanização intensiva que são os três pilares da agricultura industrial (AQUINO e ASSIS, 2005).

Como pontuou Gliessman (2009), a produção de alimentos é tratada como um processo industrial no qual as plantas assumem o papel de fábricas em miniatura: sua produção é maximizada pelo aporte de insumos apropriados, sua eficiência produtiva é aumentada através da manipulação de seus genes, e o solo simplesmente é o meio no qual suas raízes ficam ancoradas.

Devido a diversos fatores, como produção de alimentos mais saudáveis, preservação, regeneração ambiental ou até mesmo por redução de gastos nos cultivos, muitos produtores rurais estão decidindo aderir à transição para o modelo de produção de base agroecológica. O processo de transição agroecológica, ou seja, de conversão de sistemas agrícolas convencionais em agroecológicos (GLIESSMAN, 2009), vem sendo objeto de estudo no Brasil procurando compreender os fatores que estão envolvidos nesse processo e estabelecer diretrizes que possam facilitar a transição (SIQUEIRA et al., 2010).

Quando falamos de transição agroecológica, segundo Matrangolo (2015), são temas diversos, mas convergentes, tais como conservação da biodiversidade, resgate de materiais crioulos e dos saberes locais associados,

sistemas agroflorestais, consórcios múltiplos, controle biológico, avaliação de desequilíbrios e serviços ambientais.

Contudo, faz-se necessário entender como esse processo de transição em sistemas de produção familiar situados na Amazônia brasileira, uma vez que essa região é conhecida mundialmente por sua diversidade biológica, tanto na fauna como na flora, visto a existência de imensas áreas de floresta e rios que percorrem grande parte desse bioma e que tem uma ampla importância global.

Todavia, é importante considerar que o modelo recente de colonização adotado nessa região, implantado nas décadas de 70 e 80 pelo governo federal, estimulou a migração de agricultores para expansão agrícola (FEARNSIDE, 1990a apud ABREU et al., 2015). A partir dos anos 2000, o foco da expansão da fronteira agrícola passou a ser o monocultivo de grãos. Na região Oeste do Pará, conhecida atualmente como fronteira dos cultivos convencionais, onde a produção de milho e soja vem se expandindo, novas dinâmicas territoriais refletem-se no cotidiano das populações locais, desorganizando e reorganizando os territórios já existentes, com o único interesse de atender tão somente a lógica mercantil e financeira, deixando de lado a dinâmica das populações tradicionais já existentes nessas regiões.

Nos municípios de Santarém e Mojuí dos Campos, a influência da produção de soja trouxe avanços econômicos e estruturais, assim como aumentou as tensões sócio espaciais entre grandes empresários agrícolas e pequenos produtores rurais, com claras desvantagens aos camponeses em virtude dos distintos interesses (TEIXEIRA et al., 2012).

Na contramão da expansão do monocultivo de grãos, na última década começaram a ser organizadas nessa região ações para fomentar a produção e o consumo de alimentos orgânicos por meio da criação de Organizações de Controle Social- OCSs¹. Em 2011 técnicos da Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural de Santarém, Pará- EMATER/PA, Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA) e Secretaria Municipal da Produção Familiar

¹ OCS – grupo, associação, cooperativa, consórcio com ou sem personalidade jurídica, previamente, cadastrado no MAPA, a que está vinculado o agricultor familiar em venda direta, com processo organizado de geração de credibilidade a partir da interação de pessoas ou organizações, sustentado na participação, comprometimento, transparência e confiança, reconhecido pela sociedade.

(SEMPAF) uniram forças para identificar produtores familiares que quisessem produzir de forma orgânica e/ou agroecológica (SIVIEIRO et al., 2018).

Apesar da transição agroecológica ser tema reconhecido academicamente entre pesquisadores que discutem Agroecologia, bem como por agentes públicos envolvidos no debate sobre Extensão Rural Agroecológica e sobre Produção Orgânica, pouco se conhece sobre como ocorre esse processo em sistemas de produção na Amazônia, principalmente em localidades cerceadas pela expansão da agricultura convencional. Dessa forma, considera-se que esse trabalho contribui para a discussão sobre agricultura e sustentabilidade na Amazônia por discutir os meandros da produção orgânica familiar.

Sendo assim, focando o processo de transição agroecológica, por meio deste trabalho objetiva-se identificar as mudanças ocorridas nas práticas de cultivo dos produtores orgânicos vinculados a Organização de Controle Social - OCS Santa Cruz, Santarém-PA.

2 METODOLOGIA

Esse trabalho deriva de pesquisa descritiva cujo recorte empírico é a experiência dos produtores orgânicos vinculados a OCS Santa Cruz, Santarém, Pará. Fazem parte dessa OSC cinco famílias que produzem e comercializam seus produtos em feiras localizadas na cidade de Santarém. A maioria dos agricultores nasceram na comunidade Santa Cruz ou em uma comunidade próxima e se mudou.

As unidades de produção agrícola dessas famílias estão situadas na comunidade Santa Cruz (Figura 1). Essa localidade fica distante há 37 quilômetros do centro urbano do município de Santarém.

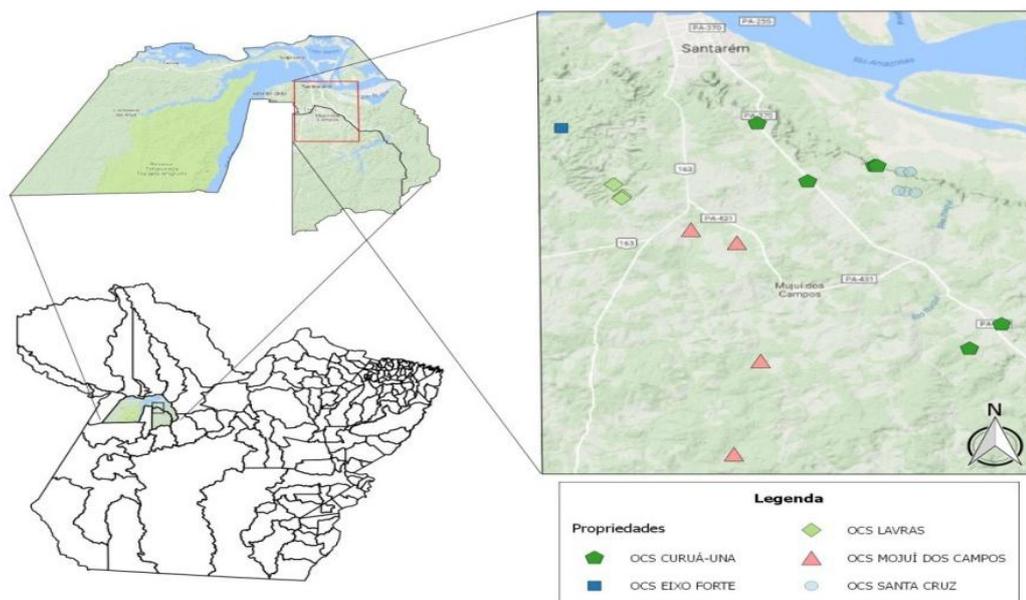


Figura 1 - Mapa de localização das Organizações de Controle Social de Santarém e Mojuí dos Campos (Fonte: SIVIEIRO et al., 2018).

A pesquisa de campo foi realizada por meio de entrevistas, caminhada transversal e observação nas propriedades rurais. A partir da revisão de literatura e da pesquisa exploratória realizadas entre Janeiro e Agosto de 2019, foi elaborado um roteiro semiestruturados para nortear as entrevistas realizadas com produtores orgânicos e com técnicos extensionistas. Durante a pesquisa exploratória fora estabelecido diálogos e registros de depoimentos de diferentes atores locais visando identificar a rede social local para coleta do material qualitativo da pesquisa (ABREU et al., 2015).

O roteiro que nortear a entrevista com os produtores orgânicos (ver em Apêndice 01) teve como foco as mudanças nas práticas agrícolas realizadas nas unidades familiares. Além de entrevistas com produtores, foram realizadas conversas com técnicos da EMATER que fazem o acompanhamento desses agricultores.

Foram realizadas três visitas na comunidade Santa Cruz entre os meses de setembro e novembro de 2019, assim como visitas na Feira de Orgânicos que ocorre as quartas-feiras nas dependências físicas da EMATER, escritório local de Santarém.

3 AGROECOLOGIA PARA PENSAR A TRANSIÇÃO DA AGRICULTURA CONVENCIONAL PARA A AGRICULTURA ORGÂNICA

Gliessman (2005) afirma que a Agroecologia é uma ciência dedicada à “aplicação de conceitos e princípios ecológicos no desenho e manejo de agroecossistemas sustentáveis”. Os agroecossistemas são tomados como unidades de estudo pela Agroecologia. E são considerados sustentáveis na medida em que permitem a colheita contínua, pois sua capacidade de se renovar não é comprometida.

Segundo Jesus et al. (2011), a agroecologia nasceu da busca e construção de novos conhecimentos e de conhecimentos tradicionais, como uma nova abordagem científica, capaz de dar suporte a uma transição a estilos de agriculturas sustentáveis e, portanto, contribuir para o estabelecimento de processos de desenvolvimento rural sustentável. A partir dos princípios da Agroecologia passaria a ser estabelecido um novo caminho para a construção de agriculturas de base ecológica ou sustentáveis.

Os ecossistemas naturais e os agroecossistemas tradicionais na Agroecologia são tomados como referências iniciais básicas na abordagem da sustentabilidade, o que não significa defender uma volta ao passado, mas sim como uma forma de resgate, levando em conta saberes locais, de comunidades tradicionais, que desde muito tempo já desenvolviam agricultura a seu modo, com características de produção herdadas por seus antepassados, buscando uma autonomia familiar e social (ALTIERE, 2004; GLIESSMAN, 2009).

A partir disso, supõe levar em consideração, de um lado, a diversidade local e regional e, de outro lado, a importância do processo de aprendizagem nas experiências de transições agroecológicas, nas quais hipóteses são formuladas e soluções experimentadas, ajustando-as às condições locais. Para Piraux et al. (2012), a transição agroecológica precisa, assim, ser rica em conhecimentos sobre o funcionamento dos agroecossistemas e dos sistemas sociais. De acordo com esses autores, os agricultores podem analisar e interpretar melhor as relações entre eles e as práticas inseridas no campo.

Com o objetivo de que os camponeses se tornem atores do seu próprio desenvolvimento, a Agroecologia fornece as ferramentas metodológicas necessárias que dão subsídios, para que a participação da comunidade venha a se tornar a força principal dos objetivos e atividades que possam vir a ser desenvolvidas (CHAMBERS, 1983 apud ALTIERI 2008).

Vários aspectos dos sistemas tradicionais de conhecimento, são levados em consideração dentro da Agroecologia, que criam dentro de certos limites ecológicos e técnicos, a autossuficiência alimentar das comunidades, sem esquecer que a sustentabilidade não é possível sem a preservação da diversidade cultural que nutre as agriculturas locais (ALTIERI, 2008), os tornando cada vez mais independentes para continuar seguindo produção de forma orgânica.

Assim, quando assumimos a necessidade de que ocorra a transição agroecológica estamos assumindo que o atual modelo de desenvolvimento da sociedade está cada vez mais distante da sustentabilidade (CAPORAL e COSTABEBER, 2004).

No processo de transição agroecológica podem ser idealizados três passos para conversão de sistemas agrícolas convencionais em agroecológicos, segundo Gliessman (2005). O primeiro se refere à redução do uso de insumos externos, caros e que causam impactos ao meio ambiente, maximizando a eficiência das práticas convencionais. No segundo nível, ocorreria a substituição de insumos químico sintéticos por insumos orgânicos e práticas alternativas. E o terceiro, seriam redesenhados os sistemas produtivos para que passem a funcionar com base em um novo conjunto de processos ecológicos, sendo o expressivo aumento da biodiversidade um dos seus principais indicadores.

Podemos dizer que, os agricultores estão no terceiro nível do processo, pois, já não utilizavam em seus cultivos os insumos químicos sintéticos, ocorrendo durante o processo a adoção de práticas alternativas e insumos orgânicos. E um novo desenho de agroecossistema começou a surgir com o aparecimento de novas espécies e novas combinações.

Costabeber (1998) em sua tese afirma que o termo transição, pode designar simplesmente a ação e efeito de passar de um modo de ser ou estar a

outro distinto. Sendo assim, podemos dizer que ela é entendida como uma adaptação gradativa da maneira convencional de produzir, ou seja, com o uso de técnicas e do pacote tecnológico, para novas maneiras alternativas de agricultura, com respeito ao meio ambiente e sem a utilização de agroquímicos, com tecnologias de base ecológica, buscando proporcionar de maneira integrada a produção de alimentos.

4 O RECONHECIMENTO LEGAL DA TRANSIÇÃO AGROECOLÓGICA EM UNIDADES DE PRODUÇÃO FAMILIAR

De acordo com a Política Nacional de Agroecologia e da Produção Orgânica- PNAPO (BRASIL, 2008), na legislação, há três formas de garantia da qualidade dos alimentos orgânicos para serem comercializados (certificação): Certificação por auditoria; Certificação por sistemas participativos de garantia; e Organização de Controle Social (OCS).

Devido ao alto custo da certificação por auditoria e em consideração a relação direta de confiança que deve haver entre produtor e consumidor, a PNAPO possibilita aos agricultores familiares a certificação de produtos orgânicos para a venda direta aos consumidores finais. Mas, para isso, estes agricultores precisam estar vinculados a uma OCS, o que se buscar expor nessa pesquisa. Sendo assim, participar das OCSs do município, para esses agricultores, é a maneira mais acessível e prática de dar visibilidade aos seus produtos que são produzidos de maneira orgânica (BRASIL, 2008).

A legislação brasileira define que “As OCSs são formadas por um grupo, associação, cooperativa ou consórcio, com ou sem personalidade jurídica, de agricultores familiares”. No entanto, para que a Organização seja reconhecida pela sociedade, é preciso que entre os participantes exista uma relação de organização, comprometimento e muita confiança.

Sendo assim, quando necessário, ela deverá consultar a Comissão da Produção Orgânica - CPOrg da unidade onde estiver situada sobre decisões técnicas que lhe estejam atribuídas pelos regulamentos da produção orgânica. Para que cumpra bem o seu objetivo, a OCS deve ser ativa e ter seu próprio controle, além de garantir que os produtores assegurem o direito de visita pelos

consumidores, assim como o órgão fiscalizador, às suas unidades de produção (BRASIL, 2008).

As OCSs devem ser cadastradas na superintendência do MAPA ou em outro órgão fiscalizador conveniado, para assim ser possível a emissão do documento chamado de Declaração de Cadastro, e que deve ser emitido para cada produtor vinculado a ela. Esse documento deve estar disponível no momento da venda direta de produtos orgânicos para os consumidores (BRASIL, 2008).

No entanto, o produtor não poderá usar o selo do Sistema Brasileiro de Conformidade Orgânica, porém, poderá incluir na rotulagem ou no ponto de comercialização a expressão: “Produto orgânico para venda direta por agricultores familiares organizados não sujeito à certificação de acordo com a Lei nº 10.831, de 23 de dezembro de 2003”.

5 SEMENTES E FRUTOS DA TRANSIÇÃO AGROECOLOGICA NA OCS SANTA CRUZ

5.1 O PROCESSO DE CRIAÇÃO DA OCS SANTA CRUZ

Segundo Siviero et al., (2015) os trâmites legais para a legitimação da produção orgânica das famílias de agricultores de Mojuí dos Campos e de Santarém, tiveram início no ano de 2011, com a participação do MAPA, da Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do estado do Pará (EMATER-PA), escritório local e da Secretaria Municipal de Agricultura de Santarém, que juntas, organizaram e constituíram a Comissão Temática da Produção Orgânica do Baixo Amazonas (CTPOrg - BAM) sob a coordenação do MAPA. Após, foram realizadas atividades de pesquisa e capacitação para os produtores, em torno da agricultura orgânica, sendo repassadas informações de como arranjar melhor os negócios e sobre a criação das Organizações de Controle Social-OCSs. Como resultado de tais atividades, em 2013 e 2014, foram criadas as três primeiras OCSs dessas regiões.

As famílias de agricultores orgânicos, do Município de Santarém e Mojuí dos Campos, estão organizadas atualmente em cinco OCS que são: OCS –

Curuaúna; OCS - Santa Cruz; OCS - Eixo Forte; OCS - Lavras e OCS - Mojuí. Chamando a atenção o fato de os agricultores, antes mesmo da certificação proporcionada pelo órgão fiscalizador, terem por iniciativa própria, optado pela produção orgânica (SIVIERO et al., 2015).

Após um curso de capacitação de dezoito meses, que abordou temas em torno da agricultura orgânica e a criação das Organizações de controle Social, agricultores demonstraram interesse na criação de uma OCS nessa região. Inicialmente foi criada a OCS Curuaúna, no ano de 2013, mas devido à grande distância da comunidade Santa Cruz para o local onde aconteciam as reuniões, o que dificultava a assiduidade de alguns produtores, em 2015 optaram pela separação e a criação da OCS Santa Cruz.

A opção das famílias pela produção orgânica tem relação direta com a preocupação com a saúde familiar e dos consumidores. Todas responderam que optaram por esse modelo de produção para poderem se alimentar de forma mais saudável, pelo fato do não uso dos agrotóxicos e também por eles já produzirem sem adição dos produtos do chamado pacote tecnológico, por iniciativa própria ou tradição familiar. A idade desses agricultores varia entre 44 anos a 75 anos, dos cinco entrevistados três eram mulheres e dois homens.

Segundo eles produzir de forma orgânica é sinônimo de saúde, sem veneno para eles e para as outras que também irão consumir esse alimento, e então assim melhorar a qualidade de vida no campo e na cidade. Resultado semelhante também foi encontrado por Siqueira et al. (2010) onde pode-se observar que “menor risco à saúde familiar” aparece como resultado bem citado (39%) dentre as respostas dos entrevistados, tornando-se visível em termos de melhoria na saúde familiar, na renda e nas condições de trabalho.

A criação da OCS, segundo eles, foi um processo que durou cerca de seis meses entre formação do grupo, visitas nas propriedades e encontros entre os membros. A pessoa com mais tempo no grupo disse que foi através da APRUSAN (Associação dos Produtores Rurais de Santarém) que tomou conhecimento sobre a possibilidade de obter a certificação como produtor orgânico e que incentivou os outros na comunidade a entrarem no grupo.

As reuniões periódicas da OCS Santa Cruz ocorrem a cada dois meses. Durante as reuniões trocam experiências sobre práticas produtivas, fiscalizam

a produção, planejam atividades conjuntas. As visitas as unidades produtivas ocorrem por ocasião de encontros bimestrais, priorizando as unidades produtivas mais próximas do local da reunião. Todo ano os membros da OCS recebem a vistoria de auditores do MAPA, que fiscalizam a produção.

5.2 PRÁTICAS AGROECOLÓGICAS TRADICIONAIS E NOVAS ALTERNATIVAS NOS SISTEMAS DE PRODUÇÃO FAMILIAR

As atividades desenvolvidas atualmente nas propriedades são diversas, sendo planejadas pelas famílias e acompanhadas por extensionista da EMATER escritório local. Dentre os produtos cultivados estão espécies frutíferas como: graviola (*Annona muricata*), murici (*Byrsonima crassifolia*), acerola (*Malpighia emarginata*), banana (*Musa sp*), coco (*Cocos nucifera*), caju (*Anacardium occidentale*), pupunha (*Bactris gasipaes*), castanha do Pará (*Bertholletia excelsa*), ata (*Annona squamosa*) e goiaba (*Psidium guajava*); culturas anuais, tais como feijão (*Phaseolus vulgaris*) e macaxeira (*Manihot esculenta*) e; hortaliças. Além do cultivo, também compõem as atividades produtivas, o extrativismo de produtos florestais não madeireiro, principalmente óleos de andiroba (*Carapa guianensis*) e copaíba (*Copaifera langsdorffii*), e a criação de galinha caipira. Os agricultores estão dando prioridade a produtos cuja demanda é maior na feira, como frutíferas, macaxeira, feijão e hortaliças (Figura 2).

Durante o processo de transição agroecológica foram feitos experimentos de combinações de espécies e seleções de sementes. As sementes utilizadas foram adquiridas na própria comunidade e também em comunidades vizinhas, valorizando as sementes locais e ao mesmo tempo fazendo um trabalho de conservação.

Antes do acompanhamento feito pelos extensionista que atuaram no processo de transição para o cultivo orgânico, o cultivo já se encontrava diversificado, porém, não havia critérios adequado com relação a combinações e escolha das espécies a serem cultivadas, isso em três das cinco unidades familiares entrevistadas. As outras duas, no entanto, um retornou recentemente

para comunidade e a outra só plantava para consumo, não possuindo grandes quantidades em diversidade de espécies.

Abreu et al. (2015), analisando a transição agroecológica em Sistemas Agroflorestais no estado de Rondônia, observou que um dos aspectos importantes dos sistemas agroflorestais é o conteúdo associado a uma forte diversidade de cultivos, que resulta na melhoria da alimentação das famílias e contribui fortemente para a solução da crise ambiental.

O tamanho da área das propriedades varia de 01 a 04 hectares, onde somente um hectare é utilizado para o cultivo. Há produtores que possuem suas unidades produtivas em seus quintais, não havendo deslocamento, no entanto, outros tem que se deslocar para sua área de trabalho com distancias que chegam até dois quilômetros.

A prática de usar fogo para queimar a matéria orgânica obtida a partir da limpeza da roça, foi substituída pela compostagem desse material, que é incorporado ao solo servindo como fonte nutricional aos plantios. Como destaca Anjos et al., (2009), a roça orgânica, utiliza menos mão de obra, pois quando a terra já está bem trabalhada a produção acaba sendo maior que na roça tradicional. Isto acontece porque na roça queimada tudo o que é de matéria orgânica é consumido pelo fogo, deixando assim a terra pobre e endurecida.

A compostagem, adubação verde, enxertia, o uso de esterco bovino e de galinha e o controle alternativo de pragas e doença, como o uso de caldas e inseticidas naturais, assim também como biofertilizantes, foram as novas práticas adotadas no processo de transição agroecológica.

Atualmente, o uso de biofertilizantes de fabricação “caseira” vem sendo uma prática cada vez mais comum entre os agricultores e recomendada por técnicos responsáveis. Do mesmo modo, o uso das caldas sulfocálcica e bordalesa, é uma prática que tem contribuindo nos processos de transição agroecológica mediante a busca de resistência das plantas através da melhor e mais equilibrada nutrição.

Práticas semelhantes podemos encontrar no processo de transição agroecológica dos agricultores familiares do Território de Caparaó-Espirito Santo, que utilizavam cobertura morta, manejo de plantas espontâneas com

roçadas, consorciação de culturas, adubação com esterco, compostagem e controle alternativo de pragas e doenças como práticas agroecológicas (SIQUEIRA et al., 2010).

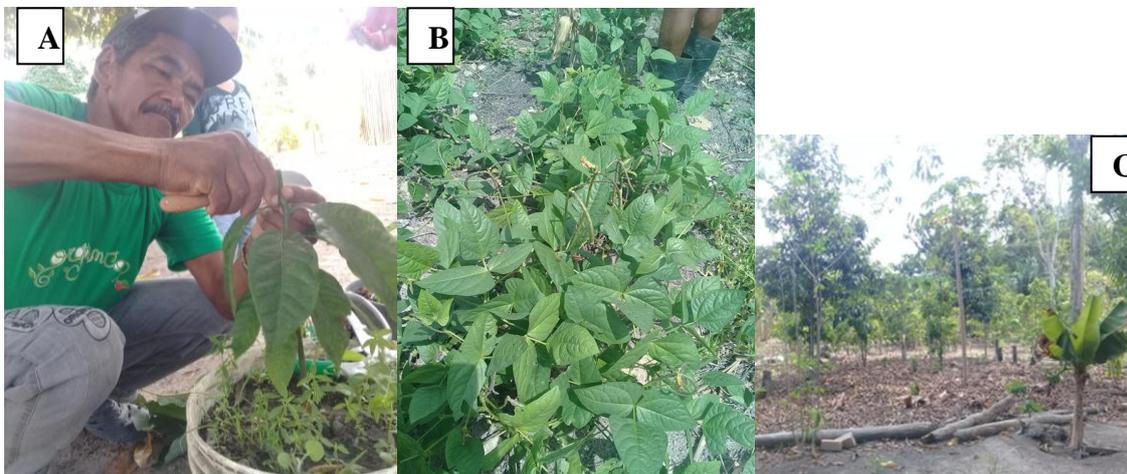


Figura 2 (A,B,C) - Agricultor utilizando a técnica de enxertia em mudas de abacate (A); Cultivo de Culturas Anuais (B); Área cultivada por meio de Sistema Agroflorestal (C) (Fonte: arquivo pessoal).

Considerando que agricultura orgânica se preocupa em estabelecer o equilíbrio ecológico em todo o sistema, Anjos et al. (2009) destacam a importância do cuidado com o solo, sendo esse um meio vivo dentro do meio de produção, pois parte da melhoria das condições do solo que é a base da boa nutrição das plantas, que bem nutrida não adoecerá com facilidade, melhorando sua resistência a algum possível ataque de um organismo prejudicial.

5.3 VANTAGENS E DESAFIOS NO PROCESSO DE TRANSIÇÃO AGROECOLÓGICA

Qualquer mudança nos hábitos de produção e outras adaptações sociais e econômicas dos agricultores em adotar o novo modelo de cultivo encontram muitos desafios, pois isso envolve, também, o lado cultural dos produtores. Essas adaptações encontram-se presentes em todo o processo da transição, mas a adoção das técnicas da agricultura de base ecológica é o que dá forças

para viabilizar economicamente e sustentar essa mudança para uma nova agricultura (ALTIERE, 2004; GLIESSMAN, 2009, COSTABEBER et al, 2013).

Pelo fato de ser um grupo que recebe assistência técnica da EMATER, os agricultores tiveram acesso a qualificações através de cursos e dias de campo. Vale ressaltar que a feira de orgânicos fica localizada nas dependências do escritório municipal da EMATER, dando um apoio também na comercialização desses produtos.

Além da dimensão ecológica, a produção orgânica tem importância para a economia, pois seria a tendência do produtor melhorar sua eficiência produtiva, sabendo que no sistema orgânico de produção, é necessário uma cuidadosa manutenção dos registros da produção, fato que leva a um maior controle dos fatores produtivos e conseqüente melhora no aproveitamento dos insumos utilizados. Kawakami (2016) destaca pontos positivos como o impacto na rentabilidade dos produtores que conseguem se adequar à legislação de certificação orgânica e obtêm o selo de certificação para os produtos oriundos de sua propriedade, pois isto agrega valor à sua produção com um mínimo de gastos para a sua adequação aumentado conseqüentemente a sua renda.

Segundo os agricultores, o fato de não utilizarem agrotóxicos que, para eles são maléficos a saúde, maior ponto positivo mencionado por eles, acaba por valorizar seus produtos, já que existe uma crescente conscientização social sobre o consumo de alimentos livres de produtos químicos, os alimentos orgânicos, o que acaba influenciando diretamente na renda familiar desses produtores. Melhoria na saúde familiar, na renda e nas condições de trabalho também foram resultados obtidos por Siqueira et al., (2010) e Luiz (2014) que observou as motivações em adotar o sistema de produção agroecológico destacando, em primeiro lugar, a saúde do produtor e dos consumidores envolvidos. Em segundo o fornecimento de um produto de qualidade e maior renda para a família, nesse também se destacou a contribuição benéfica ao meio ambiente.

Entretanto faz-se necessário cuidado diário nesse sistema de cultivo, principalmente no início da transição, pois o método de plantio orgânico tem em seus objetivos evitar o ataque de insetos que podem acarretar em doenças e

também prevenir uma possível escassez nutricional para as espécies cultivadas.

Observado como as principais dificuldade entre produtores pesquisados a obtenção de esterco, a exigência de mão-de-obra, a comercialização e a falta de reconhecimento e incentivo (SIQUEIRA et al., 2010). Luiz (2014) ressaltou como principais entraves relacionados ao sistema de produção agroecológico citados pelos entrevistados nos municípios de Major Gercino e Nova Trento no estado de Santa Catarina resultados semelhantes que foram o conhecimento técnico, limitação da mão de obra e acesso aos canais de comercialização.

Em relação aos desafios externos aos sistemas de produção, destaca-se a agricultura de larga escala e em monocultivo, principalmente de soja, estão se aproximando cada vez mais das comunidades, aumentando o desafio para quem desejar migrar para o modelo de produção orgânico para fins comerciais, pois cria um obstáculo a mais para a certificação, já que se é necessário uma distância mínima de áreas em que são aplicados agrotóxicos para a obtenção da certificação de produto orgânico.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As cinco famílias de agricultores pertencentes a OCS Santa Cruz, optaram pela transição por buscarem qualidade de vida, saúde e agregação de valor ao produto, haja vista que a maioria desses produtores já produziam sem a utilização de agroquímicos em suas culturas como tradição familiar.

Durante o período de transição, os produtores orgânicos participaram de atividades de extensão rural que contribuíram para a formação dos mesmos, tais como cursos de produção orgânica, visitas e dias de campo. O uso de compostagem, que agora é feito na própria unidade familiar, foi a principal prática citada pelos agricultores como mudança utilizada, sendo incorporando ao solo para adubação. Assim como o emprego de biofertilizantes, caldas e inseticidas naturais no controle alternativo dos insetos-pragas, que venham a aparecer na cultura. Essas novas técnicas agroecológicas adotadas serviram para o aperfeiçoamento dos modos de cultivo, haja visto que, esses produtores já vinham produzindo de forma consciente e a transição os possibilitou aliar

novos saberes com os saberes tradicionais herdados. As sementes usadas são obtidas através de trocas na comunidade, em comunidades vizinhas ou mesmo com membros de outras OCSs.

Ressalta-se o importante papel das OCS como alternativa frente a certificação dos produtos de origem orgânica, tornando o custo menos oneroso e com certeza participativo, pois eles mesmos se fiscalizam, e possuem uma boa relação dentro da organização e com as demais, tanto na feira como em reuniões conjuntas.

A EMATER escritório local desempenhou, e desempenha, papel fundamental no processo de transição agroecológica na referida comunidade, além de disponibilizar assistência técnica para os produtores, incentiva a comercialização de seus produtos, com a realização da Feira de Orgânicos todas as quartas-feiras nas suas dependências.

É muito importante conhecer como as comunidades amazonidas lutam e trabalham por sua permanência na terra. Destaca-se o monocultivo cada vez mais próximos as propriedades rurais que produzem orgânico e o cuidado diário e minucioso no campo como desafios para se cultivar orgânico, o primeiro, porém inviabilizando a certificação.

Faz-se necessário mais estudos que possam compreender a realidade dessas unidades familiares que tem suas próprias peculiaridade e o desejo de melhorar sua qualidade de vida.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, L.S. de; PEREIRA, L.C.; BELLON, S.; ALENCAR, M. C. F. Transição Agroecológica em Sistemas Agroflorestais no Sudoeste da Amazônia Brasileira. Rondônia. 2015

ALTIERI, M.A. *Agroecologia: a dinâmica produtiva da agricultura sustentável*. 4.ed. Porto Alegre: UFRGS, 2004. 110p.

ALTIERI, M.A. *Agroecologia: a dinâmica produtiva da agricultura sustentável*. 5.ed. Porto Alegre: UFRGS, 2008. 120p.

ANJOS, P. J. da S.; SARAIVA, J. M.; COSTA, M. da.; OTTE, B. CARTILHA AGROECOLÓGICA DE PRODUÇÃO FAMILIAR. 1ª Edição - Parnaíba - PI - Junho de 2009.

AQUINO, A. M. de; ASSIS, R. L. de. *AGROECOLOGIA: Princípios e técnicas para uma agricultura orgânica sustentável*. Brasília, DF: EMBRAPA. Informação Tecnológica, 2005.

BRASIL. Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. Controle social na venda direta ao consumidor de produtos orgânicos sem certificação / Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. Secretaria de Desenvolvimento Agropecuário e Cooperativismo. – Brasília: Mapa/ACS, 2008.

CAPORAL, F. R; COSTABEBER, J. A. *AGROECOLOGIA E EXTENSÃO RURAL: Contribuições para a Promoção do Desenvolvimento Rural Sustentável*. Porto Alegre (RS). 2004.

COSTABEBER, J. A. *Acción colectiva y procesos de transición agroecológica en Rio Grande do Sul, Brasil*. Córdoba, 1998. 422p. (Tese de Doutorado) Programa de Doctorado en Agroecología, Campesinado e Historia, ISEC-ETSIAN, Universidad de Córdoba, España, 1998.

GLIESSMAN, S. R. *Agroecologia: processos ecológicos em agricultura sustentável*. 3.ed. Porto Alegre: UFRGS, 2005. 653p.

GLIESSMAN, S. R. *Agroecologia: Processos Ecológicos em Agricultura Sustentável*. 4.ed. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2009. 658p.

JESUS, P. P. SILVA, J. S. MARTINS, J. P. RIBEIRO, D. D. ASSUNÇÃO, H. F. *TRANSIÇÃO AGROECOLÓGICA NA AGRICULTURA FAMILIAR: relato de experiência em Goiás e Distrito Federal*. CAMPO-TERRITÓRIO: *revista de geografia agrária*, v. 6, n. 11, p. 363-375, fev., 2011

KAWAKAMI, J. *Certificação de Produtos Orgânicos. Série de Cadernos Técnicos da Agenda Parlamentar*. Crea-PR. 2016.

LUIZ, F. P. *Transição Agroecológica de Agricultores Familiares no Alto Vale do Rio Tijucas – SC*. Florianópolis, SC. 2014.

MATRANGOLO, W. J. R. *Contextos da transição agroecológica na Embrapa*. *Informe Agropecuário*, Belo Horizonte, v. 36, n. 287, p. 93 - 103, 2015.

PIRAUX, M.; SILVEIRA, L.; DINIZ, P.; DUQUE, G. *Transição agroecológica e inovação Socioterritorial*. *Estud. Soc. e Agric.*, Rio de Janeiro, vol. 20, n. 1, 2012: 5-29.

SIQUEIRA, H. M. de; SOUZA, P. M. de; RABELLO, L. K. C.; FERREIRA, R. de S.; ALVAREZ, C. R. da S. *Transição agroecológica e sustentabilidade dos agricultores familiares do Território do Caparaó-ES*. *Rev. Bras. de Agroecologia*. 5(2): 247-263. 2010.

SIVIERO, A. C; MIRANDA, T. S. de; SILVA, P. V. B. da; SILVA, S. M. F. S. da; WAGNER, D. *A Emergência e Gestão de OCS's em Santarém e Mojuí Dos*

Campos, Pará. *Cadernos de Agroecologia* – ISSN 2236-7934 – Vol 10, Nº 3 de 2015.

SIVIERO, A. C.; BELING, A. M.; AZEVEDO, E. C. C. C. de; CHIBA-ALVES, H. da S. Promovendo a agricultura orgânica em Santarém e região. *Cadernos de Agroecologia* – ISSN 2236-7934 – Anais do VI CLAA, X CBA e V SEMDF – Vol. 13, Nº 1, Jul. 2018.

TEIXEIRA, B. E. S.; CUNHA, I. M. M.; TERRA, A. A expansão da fronteira agrícola da soja no município de Santarém (PA) e suas transformações socioespaciais. XXI Encontro Nacional de Geografia Agraria. UFU (Universidade Federal de Uberlândia) Uberlândia-MG. 2012

APÊNDICE 01

Roteiro utilizado nas entrevistas

- Histórico de ocupação da área
(nome, tempo de residência, vegetação, tamanho da área)
- Características socioeconômicas
(Idade, escolaridade, composição da família, mão de obra)
- Práticas de produção na unidade familiar antes, durante e depois da certificação
(principais atividades desenvolvidas na propriedade, preparo da terra, máquinas e implementos, tratos culturais, insumos)
- Perspectivas sobre a produção orgânica
(visão sobre os orgânicos, como adentraram nesse modo de cultivo, qualificação, desafios, vantagens, comercialização)

ANEXO 01

Normas da Revista Extensão Rural CONDIÇÕES PARA SUBMISSÃO

Como parte do processo de submissão, os autores são obrigados a verificar a conformidade da submissão em relação a todos os itens listados a seguir. As submissões que não estiverem de acordo com as normas serão devolvidas aos autores.

A contribuição é original e inédita, e não está sendo avaliada para publicação por outra revista; caso contrário, deve-se justificar em "Comentários ao editor".

O arquivo da submissão está em formato Microsoft Word.

O trabalho está digitado em página tamanho A4, com fonte Arial 12 pt, espaçamento 1,5, sem recuos antes ou depois dos parágrafos, com margens normal com largura interna 2,5 cm, externa 2,5 cm, inferior e superior 2,5 cm, sendo que o artigo não deverá ultrapassar a vinte e cinco (25) páginas, e não deve ser inferior a quinze (15) páginas.

As figuras, os quadros e as tabelas estão apresentadas no corpo do texto, digitadas preferencialmente na mesma fonte do texto, e devem estar em preto e branco.

Os autores devem estar cientes de que são os responsáveis diretos por todo o conteúdo de seu artigo.

O texto segue os padrões de estilo e requisitos bibliográficos descritos em Diretrizes para autores, na seção Sobre a Revista.

A identificação de autoria deste trabalho foi removida do arquivo e da opção Propriedades no Word, garantindo desta forma o critério de sigilo da revista, caso submetido para avaliação por pares (ex.: artigos). Os nomes de TODOS os autores, com sua respectiva identificação institucional, foi cadastrada nos metadados da submissão, usando a opção incluir autor. Em caso de citação de autores, "Autor" e ano são usados na bibliografia, ao invés de Nome do autor, título do documento, etc.

EDIÇÃO DAS SUBMISSÕES

Os trabalhos devem ser encaminhados via eletrônica no site da revista, seguindo as orientações disponíveis.

Nas abas "sobre a revista > submissões" existe um tutorial em formato PDF para auxiliar os autores nas primeiras submissões.

O arquivo precisa estar na forma de editor de texto, com extensão ".doc" ou ".docx", com o nome dos autores excluídos do arquivo, inclusos apenas nos metadados da submissão.

CONFIGURAÇÃO DE PÁGINAS

O trabalho está digitado em página tamanho A4, com fonte Arial 12 pt, espaçamento 1,5, sem recuos antes ou depois dos parágrafos, com margens normal com largura interna 2,5 cm, externa 2,5 cm, inferior e superior 2,5 cm, sendo que o artigo não deverá ultrapassar a vinte e cinco (25) páginas, e não deve ser inferior a quinze (15) páginas.

As figuras, os quadros e as tabelas devem ser apresentados no corpo do texto, digitadas preferencialmente na mesma fonte do texto, ou com tamanho menor, se necessário.

Esses elementos não poderão ultrapassar as margens e também não poderão ser apresentados em orientação “paisagem”.

As figuras devem ser editadas em preto e branco, ou em tons de cinza, quando se tratarem de gráficos ou imagens. As tabelas não devem apresentar formatação especial.

ESTRUTURAS RECOMENDADAS

Recomenda-se que os artigos científicos contenham os seguintes tópicos, nesta ordem: título em português, resumo, palavras-chave, título em inglês, abstract (ou resumen), key words (ou palabras clave), introdução ou justificativa ou referencial teórico, métodos, resultados e discussão, conclusões ou considerações finais, referências bibliográficas. Ao final da introdução ou da justificativa o objetivo do trabalho precisa estar escrito de forma clara, mas sem destaque em negrito ou itálico.

Agradecimentos e pareceres dos comitês de ética e biossegurança (quando pertinentes) deverão estar presentes depois das conclusões e antes das referências.

Para as revisões bibliográficas se recomenda os seguintes tópicos, nesta ordem: título em português, resumo, palavras-chave, título em inglês, abstract, key words, introdução ou justificativa, desenvolvimento ou revisão bibliográfica, considerações finais, referências bibliográficas e agradecimentos (quando pertinentes).

TÍTULOS

Os títulos nos dois idiomas do artigo devem ser digitados em caixa alta, em negrito e centralizados, com até 20 palavras cada. Se a pesquisa for financiada, deve-se apresentar nota de rodapé com a referência à instituição provedora dos recursos.

AUTORES

A Extensão Rural aceita até três autores, que devem ser incluídos nos metadados. Não use abreviaturas de prenomes ou sobrenomes.

RESUMOS, RESUMEN E ABSTRACTS

O trabalho deve conter um resumo em português, mais um abstract em inglês. Se o trabalho for em espanhol, deve conter um resumen inicial mais um resumo em português e, se o trabalho for em inglês, deve conter um abstract mais um resumo em português.

Estas estruturas devem ter no máximo 1.200 caracteres, contendo o problema de pesquisa, o objetivo do trabalho, algumas informações sobre o método (em caso de artigos científicos), os resultados mais relevantes e as conclusões mais significativas.

As traduções dos resumos devem ser feitas por pessoa habilitada, com conhecimento do idioma. Evite traduções literais ou o auxílio de softwares.

Devem ser seguidos por palavras-chave (key words ou palabras clave), escritas em ordem alfabética, não contidas nos títulos, em número de até cinco.

MÉTODO

O método deve ser descrito de forma sucinta, clara e informativa. Os métodos estatísticos, quando usados, precisam ser descritos e devidamente justificada a sua escolha.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados devem embasar as discussões do artigo e estar embasados na literatura já existente, quando pertinente, devidamente citada e referenciada. Evite discussão de resultados irrelevantes e mantenha o seu foco nos objetivos do trabalho.

CONCLUSÕES OU CONSIDERAÇÕES FINAIS

É facultado aos autores escolherem entre conclusões ou considerações finais. Porém são proposições diferentes. As conclusões devem ser diretas, objetivas e atender aos propósitos iniciais (objetivos) do trabalho. Não devem ser a reapresentação dos resultados. As considerações finais podem ser mais extensas que as conclusões e podem recomendar novas pesquisas naquele campo de estudo. Não precisam ser tão finalísticas como as conclusões e são recomendadas para pesquisas que requerem interpretações em continuidade.

ORIENTAÇÕES GERAIS DE GRAFIAS

Os autores possuem padrões de grafia distintos e, lamentavelmente, alguns artigos precisam ser devolvidos aos autores por falta de adequações de grafia, conforme as orientações técnicas da língua portuguesa, inglesa e espanhola. Assim, são lembradas algumas normas e orientações nesse sentido:

- Evite o uso demasiado de abreviaturas, exceto quando se repetirem muitas vezes no texto. Nesse caso, cite na primeira vez que usá-la o seu significado;
- Evite usar números arábicos com mais de uma palavra no texto, exceto quando seguidos de unidades de medida. Exemplos:

Prefira

Evite

- ... três agentes foram...
- ... quarenta produtores foram...
- ... 3 agentes foram...
- ... 40 produtores foram...
- ... 21 agentes foram...
- ... vinte e um agentes foram...
- ... colheu 3 kg de peras...
- ... colheu três quilos de peras...
- ...corresponde a 2,3 m...
- ... corresponde a 2,3 metros...

- Cuide a padronização das unidades de medida. Geralmente são em letra minúscula, no singular, sem ponto e escritas com um espaço entre o número e a unidade (correto 4 g e não 4g, 4 gs ou 4 gs.), exceto para percentagem (correto 1,1% e não 1,1 %). Outros exemplos:

Unidade

Quilograma

Certo kg

Errado Kg; Kgs.; KG; quilos

Metro

Certo m

Errado M; mt; Mt

Litro

Certo L;

Errado lt; Lt

Hectare

Certo ha

Errado Ha; Hec; H; h

Tonelada T; Ton; ton

- Lembre-se que na língua portuguesa e espanhola as casas decimais são separadas por vírgulas e na língua inglesa por ponto. Exemplos: o a colheita foi de 5,1%; la cosecha fué de 5,1%; the harvest was 5.1%.

TÓPICOS

Os tópicos devem ser digitados em caixa alta, negrito e alinhados a esquerda. Devem ser precedidos de dois espaços verticais e seguidos de um espaço vertical. Subtítulos dentro dos tópicos devem ser evitados, exceto quando forem imprescindíveis à redação e organização dos temas.

Os tópicos dos artigos não devem ser numerados. Recomenda-se a numeração em revisões que possuam mais de quatro assuntos distintos na discussão. Nesse caso devem ser usadas numerações de segunda ordem, sem negrito, conforme exemplo:

3. REVISÃO BILIOGRÁFICA

3.1. A região de Ibitinga

Estudos realizados na região estudada mostram que...

3.2. Os hortigranjeiros e a agricultura familiar

Alguns autores mostram que os hortigranjeiros...

Descrever o título em português e inglês (caso o artigo seja em português) ou inglês e português (caso o artigo seja em inglês) ou espanhol e português (caso o artigo seja em espanhol). O título deverá ser digitado em caixa alta, com negrito e centralizado. Evitar nomes científicos e abreviaturas no título, exceto siglas que indicam os estados brasileiros.

Use até cinco palavras-chave / key words, escritas em ordem alfabética e que não constem no título.

CITAÇÕES

As citações dos autores, no texto, deverão ser feitas seguindo as normas da ABNT (NBR 6023/2000). Alguns exemplos são mostrados a seguir:

Citações indiretas (transcritas)

a) Devem ser feitas com caixa baixa se forem no corpo do texto.

Exemplo um autor: ... os resultados obtidos por Silva (2006) mostram...; Exemplo dois autores: ... os resultados obtidos por Silva e Nogueira (2006) mostram...; Exemplo mais de dois autores: ... os resultados obtidos por Silva et al. (2006) mostram...;

b) Devem ser feitas com caixa alta se forem no final do texto.

Exemplo um autor: ... independente da unidade de produção (SILVA, 2006).; Exemplo dois autores: ... independente da unidade de produção (SILVA; NOGUEIRA, 2006).; Exemplo três autores: ... independente da unidade de produção (SILVA; NOGUEIRA; SOUZA, 2006).; Exemplo mais de três autores: ... independente da unidade de produção (SILVA et al., 2006).;

Citações diretas

Conforme norma da ABNT, se ultrapassarem quatro linhas, devem ser recuadas a 4 cm da margem em fonte menor (Arial 10 pt), destacadas por um espaço vertical anterior e outro posterior à citação. Exemplo:

...porque aí a gente “tava” no dia de campo de São Bento e aí foi onde nós tivemos mais certeza do jeito certo de fazer a horta. Depois disso os agricultores aqui de Vila Joana começaram a plantar, conforme aprenderam no dia de campo.(agricultor da Família Silva).

Citações diretas com menos de quatro linhas, devem ser apresentadas no corpo do texto, entre aspas, seguido da citação. Exemplo: “...os dias de campo de São Bento ensinaram os agricultores de Vila Joana a plantar corretamente (MENDES, 2006)”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

As referências bibliográficas também devem ser efetuadas no estilo ABNT (NBR 6023/2000). A seguir são mostrados alguns exemplos. As dúvidas não contempladas nas situações abaixo podem ser sanadas acessando o link <http://w3.ufsm.br/biblioteca/> clicando sobre o botão MDT.

b.1. Citação de livro:

SARMENTO, P.B. A citação exemplar de livro com um autor. Santa Maria: Editora Exemplo, 1999.

OLIVEIRA, F.G.; SARMENTO, P.B. A citação exemplar de livro com dois ou mais autores. Santa Maria: Editora Exemplo, 1999.

b.2. Capítulo de livro:

PRESTES, H.N. A citação de um capítulo de livro. In: OLIVEIRA, F.G.; SARMENTO, P.B. A citação exemplar de livro com dois ou mais autores. Santa Maria: Editora Exemplo, 1999.

b.3. Artigos publicados em periódicos:

OLIVEIRA, F.G.; SARMENTO, P.B. A citação de artigos publicados em periódicos. Extensão Rural, v.19, n.1, p.23-34, 2012.

b.4. Trabalhos publicados em anais:

GRAÇA, M.R. et al. Citação de artigos publicados em anais com mais de três autores. In: JORNADA DE PESQUISA DA UFSM, 1., 1992, Santa Maria, RS. Anais... Santa Maria : Pró-reitoria de Pós-graduação e Pesquisa, 1992. p.236.

b.5. Teses ou dissertações:

PEREIRA, M.C. Exemplo de citação de tese ou dissertação. 2011. 132f. Dissertação (Mestrado em Extensão Rural) – Programa de Pós Graduação em Extensão Rural, Universidade Federal de Santa Maria.

b.6. Boletim:

ROSA, G.I. O cultivo de hortigranjeiros. São Paulo: Secretaria da Agricultura, 1992. 20p. (Boletim Técnico, 12).

b.7. Documentos eletrônicos:

MOURA, O.M. Desenvolvimento rural na região da Quarta Colônia. Acessado em 20/08/2012. Disponível em: <http://www.exemplos.net.br>.

FIGURAS

Os desenhos, gráficos, esquemas e fotografias devem ser nominados como figuras e terão o número de ordem em algarismos arábicos, com apresentação logo após a primeira citação no texto. Devem ser apresentadas com título inferior, em negrito, centralizado (até uma linha) ou justificado à esquerda (mais de uma linha), conforme o exemplo:

Figura 1 – Capa alongada da revista em tons de cinza.

As figuras devem ser feitos em editor gráfico sempre em qualidade máxima.